

Entre o rural e o urbano: modos de viver e conviver de moradores no Pântano do Sul (Florianópolis/SC 1970-2014)

MARIANE MARTINS*

Localizado a vinte e sete quilômetros do perímetro de Florianópolis, o Pântano do Sul é um bairro conhecido por ser uma colônia de pescadores. Com embarcações pequenas e redes de pesca feitas à mão e o ofício do pescador denominado como artesanal. Atualmente o bairro conta com uma população aproximada de cinco mil e oitocentas pessoas. Conta hoje com restaurantes à beira da praia, uma escola com quatro salas e que atende até o nono ano do Ensino Fundamental e há um posto de saúde ao lado.

O Pântano do Sul no ano de 1962 foi elevado a Distrito pela lei municipal nº1042 com uma área avaliada de 40,9 Km², integrando a ele praia da Armação, Costa de Dentro, Lagoinha do Leste, Praia do Matadeiro, Praia do Pântano do Sul, Lagoa do Peri, Praia do Saquinho e Praia da Solidão. (ALVES 2009, p. 31). Até hoje, mesmo com as alterações nos outros bairros, o Pântano do Sul permanece como distrito.

A partir do ano de 1970 Florianópolis passa por acentuadas mudanças estruturais e culturais, e o Pântano do Sul também acompanha tais alterações. São diversos os prédios residenciais e comerciais, aterramentos de extensos pastos próximos às praias para abrigar condomínios residenciais, elevados (viadutos), túneis e pontes de ligação com a parte continental. Junto com essas alterações estruturais há também o crescimento populacional, pessoas oriundas de diversas localidades do Brasil e até mesmo de outros países que trazem também modos de viver e pensar diferentes dos existentes, até então, nas localidades interioranas da ilha, como no caso do Pântano do Sul.

Vale frisar que o sociólogo Nereu do Vale Pereira (s/d), por volta da metade da década de setenta, sentindo as mudanças na ilha de Santa Catarina produziu um trabalho para observar e problematizar o que ocorria. Na introdução de *Desenvolvimento e modernização (um estudo de modernização em Florianópolis)*, Nereu do Vale Pereira (s/d, p. 10) justifica as motivações para este estudo:

De uns tempos pra cá, em conversas e debates com diversos colegas professores da Universidade Federal de Santa Catarina e da Faculdade de Educação da UDESC, que também demonstra a mesma predileção, começou a nascer uma indagação: Como explicar o aparente (ou real) desenvolvimento de Florianópolis, numa

* Mestranda em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista CAPES.

verdadeira explosão de construção civil, quando não surgem atividades econômicas consideradas dinâmicas, especialmente no setor secundário da economia?

As motivações partiram tanto de sua condição de florianopolitano como da sua vivência na cidade, e articulado a outros estudiosos desta temática e participando de palestra sobre a mesma trouxe à luz um dos primeiros trabalhos, de cunho sociológico, sobre a modernização da década de 1970 em Florianópolis.

A cidade passou a adquirir novos traços que iam além de novas e numerosas construções, novos hábitos, modos de viver, pensar e interagir que atravessaram as pontes e chegam a Ilha de Santa Catarina. Conforme Campos, Falcão e Lohn (2011, p.269) “a impessoalidade tomou conta das ruas. ”. No transcorrer dos anos, por tanto, a cidade de Florianópolis passou a adquirir novas características e a vivenciar algo novo e desconhecido para os moradores ilhéus.

É interessante pontuar que, mesmo fazendo parte da cidade de Florianópolis e vivenciando as mudanças o Pântano do Sul não incorporou todas alterações tão intensamente. Há no bairro, ainda hoje traços de um passado rural, afastado das práticas modernas. Pode-se intuir que a distância geográfica interfere nas mudanças, na forma com que as mudanças alcançam os moradores. Para isso é necessário pensar o bairro nas décadas que Florianópolis inicia a modernização.

O Pântano do Sul se encaixaria no que Falcão (2010) aponta existir em Florianópolis como “Rugas e Dobras”, ou seja, uma cicatriz do rural no tecido urbano da cidade. Mesmo com uma cidade mais urbana e dinâmica há brechas de um passado, este recente, que tenta resistir, seja por um cavalo em uma fazendola, ao lado do maior *shopping* da cidade, ou no Pântano do Sul, uma comunidade litorânea que ainda conserva traços culturais (conversas de janela, visitas inesperadas, certa ingenuidade na crença e na confiança na palavra dos outros, religiosidades, práticas de sociabilidade que geram protocolos de civilidades diferenciados, interesse na vida alheia, etc.).

Com tais apontamentos buscou-se investigar o bairro do Pântano do Sul no intuito de compreender os modos de ver e conviver entre os moradores que estão além do laço sanguíneo e a relação rural e urbano que envolve o bairro.

Traços rurais ou urbanos?

Antes de investigar as relações entre os moradores do Pântano do Sul é necessário problematizar o documento utilizado para a presente pesquisa. Assim como qualquer outro documento há necessidade de cuidados com a utilização das entrevistas e Farge (2011) chama a atenção para os cuidados metodológicos no trabalho com esses objetos. Para a autora é fundamental não tornar a palavra pronunciada por cada pessoa como algo exótico. A fala é uma grande colaboradora para a história, mas necessita de problematizações, como qualquer outro documento utilizado em uma pesquisa.

Estas asperezas singulares só ganham sentido se o historiador toma o cuidado de articulá-las incessantemente aos grupos sociais e aos acontecimentos coletivos de que são dependentes sob múltiplas formas. [...]. Encontramo-nos, então, longe do perigo já citado, de que o historiador acumule singularidades para construir um relato esmigalhado, incapaz de sentido, e, portanto, de verdadeiro conceito de alteridade. (FARGE, p.64)

O historiador ao escutar as pessoas vai esbarrar constantemente no perigo do exótico, perigo que acompanhou toda a produção do presente trabalho, mas é a partir deste encontro que é necessário se desviar do exótico, com a problematização de cada fala, compreendendo, antes de tudo, que apesar da importância do que cada uma conta, são documentos e deve haver cuidados metodológicos para o trato com estes. Ainda, quando se escuta alguém é necessário ter em mente que sua memória parte do presente, ou seja, fala do passado a partir do momento em que se encontra. É fundamental compreender que é no presente que se constrói o passado, tanto para memória como para história. E como afirma Ricoeur (2010), para narrar é preciso inserir o tempo, este só assim se torna humano, narrar é um fazer singular humano. O historiador precisa estar ainda mais atento para não cair nessa “brincadeira” da memória, essa idealização de que o “naquele tempo” é sempre positivo, bonito e harmonioso. Joutard (2007) sinaliza para essa positividade do passado:

A memória sabe também transformar, consciente ou inconscientemente, o passado em função do presente, apresentando a tendência particular de embelezar este passado. Ela se define ainda pela capacidade de recorrer ao simbólico e por sua aptidão para criar mitos, que não são visões falsas da realidade, mas uma outra maneira de descrever o real, uma outra forma de verdade. (2007, p. 223)

A comparação “passado” e “futuro” é quase inevitável na fala de alguém, especialmente quando quem está lembrando é uma pessoa mais velha. Para Bosi (1994), na velhice a memória é construída de maneira diferente da juventude, pois não estão mais inseridos na correria do cotidiano repleto de cobranças, estes senhores rememoram de maneira

a avaliar todas as fases que por eles já foram vividas. Rememorar para eles não é um momento de descanso, nessa fase da vida os indivíduos se ocupam “consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1994, p. 60)

Todas as entrevistas ocorreram no Pântano do Sul, algumas nas casas dos entrevistados, outras na minha própria casa. Quando foi solicitada a entrevista, cada um escolheu onde gostaria de fazer, além disso, todos assinaram a autorização da entrevista e da gravação da mesma, conforme as regras relativas ao uso deste procedimento.

O teor das entrevistas foi previamente informado, bem como o motivo do trabalho e a instituição a que este estava vinculado. A escolha das pessoas foi de forma aleatória, todos acima de dezoito (18) anos. Foram totalizadas oito (08) entrevistas, divididas em quatro (04) jovens entre dezoito (18) a vinte cinco (25) anos e outro grupo de quatro (04) pessoas entre sessenta (60) a noventa e um (91) anos.

As perguntas de cada grupo foram de forma semiestruturada, ou seja, com um roteiro pronto, mas ao longo de cada entrevista outras perguntas foram acrescentadas a partir das respostas de cada um. Logo, apesar de haver um questionário pronto, pode-se dizer que as entrevistas não foram gessadas, elas tiveram outros questionamentos, conforme cada fala.

Na análise das entrevistas utilizou-se a metodologia da História Oral a partir do domínio da História do Tempo Presente, pois segundo Ferreira (2000, p. 11):

a história do tempo presente pode permitir com mais facilidade a necessária articulação entre a descrição das determinações e das interdependências desconhecidas que tecem os laços sociais. Assim, a história do tempo presente constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social. Do exposto, fica óbvia a contribuição da história oral para atingir esses objetivos

Portanto, este artigo encontra-se amparado pelo arcabouço da História do Tempo Presente, que se atrela História Oral e com o recorte temporal (1970 a 2015) aqui pesquisado.

Ao analisar inicialmente todas as oito (08) entrevistas, observou-se que os jovens e os mais velhos insinuam para uma relação diferente com o bairro, mas uma relação parecida no entendimento sobre as relações entre os moradores.

É possível visualizar a existência de um processo de sociabilidade em que a maioria dos moradores conhecem-se, cumprimentam-se, visitam-se e que também possuem mecanismos de vigilância social bastante intensos. Mas é possível intuir que os níveis de

parentesco e a proximidade vicinal sejam em parte responsáveis por isso. Esse vínculo, para além dos laços sanguíneos, não se encontra restrito ao Pântano do Sul também está presente em especial nas localidades rurais do Brasil.

Ao se levar em conta o passado colonial, vê-se que a família brasileira se apresenta com uma estrutura patriarcal, rural e de acentuada dominância na vida social. A família e a vizinhança são o núcleo de identificação, a grande família no mundo rural se estende pela vizinhança, formando um grupo aparentado. (LUCENA, 1997, p. 402).

Um “núcleo de identificações” que ajuda a tecer um perfil do bairro. Para Falcão (2010), Florianópolis foi predominantemente rural até o início de 1980, havia um núcleo urbano, mas que ao seu redor as moradias eram esparsas, voltadas a atividades agrícolas, pesqueiras e também de criação de gado. O contato com o meio urbano era constante, mas difícil em razão das distâncias e pela precariedade das vias de comunicação e dos meios de locomoção.

As formas de camaradagem – um ajudar o outro – podem ser vistas como modo de sobreviver. Muitas eram as dificuldades compartilhadas por quase todos os moradores, exigindo certo companheirismo, construindo laços invisíveis de pertencimento, proteção e identificação.

Não se pode ignorar também o outro lado da moeda, pois essa proximidade possivelmente ocasiona em controles, cobranças e talvez críticas. O saber da vida do outro, questionar a vida do vizinho, criar intrigas são fatos que possivelmente encontram-se no cotidiano do bairro. Assim, a proximidade adquire dois polos, o positivo, que se direciona para a camaradagem, e o negativo, um controle social, e neste último a grande cidade é libertadora, pois traz o anonimato como ponto principal. Os moradores mais jovens aparentam estar mais cientes desses dois lados da moeda, ou seja, que essa proximidade entre as pessoas também gera um controle, uma vigilância e que o bairro também paga o preço desses laços solidários entre os moradores. Vitor Hugo Oscar (2014, p. 02) transpõe isso na entrevista, inicialmente afirma:

Justamente por ter ficado parado um pouco no tempo acho que... isso é muito da antiguidade. Se tu moras em um apartamento, as vezes em um prédio provavelmente tu não conheces a pessoa do andar de baixo, conhece teu vizinho ali, mas ... tu não fala com as outras pessoas. Aqui com essa tradição de antigamente de falar das outras pessoas de querer saber da vida alheia (risos)

Em seguida faz outra observação sobre o mesmo assunto:

Eu tinha falado antes da tradição, que veio de antes era um ponto bom, né? mas eu também acho que o Pântano ter parado no tempo e eu acho que isso não vai ser mudado tão, tão facilmente assim. De infraestrutura e também da mentalidade das pessoas. A tradição é boa, festa do divino, essas coisas todas...da pesca e tal que uma tradição que já vem há muito tempo, mas eu acho que a mentalidade das pessoas aqui é ainda um pouco antiga, sabe... muito conservadores, muito... sei lá... [...] tem um ponto que a tradição é boa, que antigamente era bom, mas tem um limite. Tem hora que a gente precisa mudar

Ou seja, a proximidade existente entre as pessoas no bairro é vista como algo não tão bom, pois está atrelado ao passado, a antigamente e isso reverbera na mentalidade das pessoas, conforme apontado acima.

É interessante observar como para os veem o bairro e o que observam como pontos positivos e negativos nele:

O que ele tem de ruim é por ser longe, ser longe das coisas. E por não ter... e por ter grande dificuldade de acesso. Por exemplo, eu não acredito que seja tão difícil trazer uma farmácia, uma praça, ou alguma coisa pra cá. Parece que a urbanização chega até certo ponto e para. Não avança, não chega próximo, não vem pra cá. Não é construído nada, não é construído nenhum centro de alguma coisa, nada. Então eu acho que isso é um ponto bem negativo. Eu não sei se é sei lá, porque o povo não quer que cresça. (Marina Mariano Martins, 2014, p. 1, 21 anos)

*O que eu mais gosto é a praia. Eu adoro a praia. O que eu menos gosto... eu acho que é porque a nossa comunidade tá um pouco desprezada, assim né... A gente não tem muitas opções para as crianças e jovens. É uma comunidade um pouco parada. [...]
Longe de tudo [Pântano do Sul], longe pra ti ir ao centro pagar uma conta, longe pra ti ir ao banco pegar um dinheiro, ir a uma lotérica, longe de tudo... (Débora Regina Arcênio, 2014, p. 1, 24 anos)*

Ambas as entrevistadas apontam para a falta de locais mais dinâmicos, mais urbanizados, que possivelmente ‘agitariam’ o bairro. Todos os quatro jovens afirmam que estudam/ estudaram e ou trabalham fora do bairro, ou seja, interagem com outras pessoas, conhecem novos lugares que acabam por interferir no modo de pensar e viver o Pântano do Sul. Além disso, é interessante pontuar que todos os quatro afirmam que a distância acentuada do bairro das localidades mais urbanas (centro, bairros universitários) é um ponto negativo. Mas pode-se pensar que a preocupação destes jovens é a distância geográfica de ambientes urbanizados, da ausência de espaços mais eficientes. Estes jovens sentem falta daquilo que experimentam fora do bairro.

Outro assunto em comum nas falas é sobre a perspectiva de morar no bairro, que segundo eles é pouca. A justificativa não está em não gostarem do bairro, mas em razão da distância: “Aqui em Floripa não tem muito mercado [de trabalho] pra ir. E viver aqui no Pântano também não, porque é muito contramão e muito longe de tudo” (Vitor Hugo Oscar, 2014, p. 02, 19 anos). Novamente a distância de ambientes mais dinâmicos torna-se o motivo maior.

Ao mesmo tempo em que não gostam dessas ausências no bairro, esses jovens trazem outra afirmação bastante instigante e controversa. Se estar longe de *shoppings*, universidade, posto de gasolina, casas noturnas é algo negativo do Pântano do Sul, a tranquilidade e proximidade entre as pessoas ofertada pelo bairro vêm a surgir nas falas como um ponto positivo.

O que eu mais gosto? Eu acho que... eu acho que é mais esse clima meio... meio de bairro mesmo, sabe? Bairro pequeno, que todo conversa, todo mundo chega e da “oi”, que conhece todo mundo, uma coisa que é bom assim... eu acho que é bom. (Lincoln Osvanir Verginio da Silva, 2014, p. 01, 21 anos)

De bom eu acho que a comunidade em si, ela é acolhedora. Né? Assim, tu mora aqui tu precisas de ajuda de alguém do lado, alguém vai te ajudar. Eu acho que isso é muito bom. De repente em outros lugares que são maiores tu não vais ter tanto essa afinidade [...]tu passas na rua: “oi tudo bom, bom dia, quanto tempo”, isso tem né? E tu vê em outros bairros não tem isso. Eu acho que isso é de bom, positivo pra nossa comunidade.

É provável que o bairro mantenha essa característica, vista como positiva, devido a essa ausência do urbano, ou da escassa presença de aspectos urbanos que tanto os jovens criticam e anseiam para o bairro. O que gostam de lá é essa marca do rural, a proximidade entre as pessoas, aquilo que, de certo modo, a distância geográfica da “cidade” ajudou construir e manter. Esses vínculos entre as pessoas evidenciam um modo de viver tipicamente rural, traços do passado que se entrelaçam com o presente com outras formas de pensar e de viver.

Nas áreas rurais, explicam os autores, existe uma maior integração entre os sujeitos sociais, considerando que, por se tratarem de populações menos volumosas e as áreas sejam menos densamente povoadas, torna-se compreensível que o morador rural tenha contato com um número menor de pessoas que um urbanita. No entanto, as relações que este sujeito firma na área rural se dão face a face, são diretas, afetivas, palpáveis, reais, pessoais, íntimas, sólidas, sem anonimato, pois as pessoas se conhecem pelo nome (COELHO, 2006, p. 150).

Por mais críticas que tenham ao bairro, por mais envolvidos em outra dinâmica e encantados por esta, eles mantêm ligações com o local onde nasceram, pois integram o bairro, possuem identificações com as pessoas que vivem no Pântano do Sul.

Esses laços de solidariedade e sociabilidade citados pelos jovens também são encontrados nas falas dos moradores mais velhos, mas diferentemente daqueles, todos apontam como sendo um ponto positivo, mas que hoje não é tão intenso, haja vista o crescimento do bairro. Para Ema Martins (2015, p.01) o bairro era antes “bem mais calmo” e hoje “muito aumentado, falta muita coisa, mas tá muito avançado tem muita gente de fora, tem muita gente que não presta.”. Maria da Conceição e Silva é partidária da mesma opinião:

Tem muita gente de fora agora... Mas quer dizer que o Pântano do Sul ainda tá um lugar que é calmo, né?, Tá bom de se viver, né? em vista daí que é só morte é só estupro, só roubo Tá bom de se viver, né? [...] gosto daqui porque é um sossego e por ai é perigoso (Maria da Conceição e Silva, 2014, p. 01)

O “gente de fora” para essas senhoras significa a presença de pessoas de outras localidades fora de Florianópolis e na grande maioria que possuem outro modo de vida. Para Fantin (2000, p. 36), “se pararmos para escutar qualquer cidadão ilhéu que viveu esta cidade antes e depois da chegada dos novos moradores, perceberemos que este [gente de fora] é o que tem das suas falas e sentimentos.”. Apesar do crescimento notado pelos os moradores mais velhos, todos ainda apontam para um bairro tranquilo (sempre em comparação com outras localidades de Florianópolis).

Outro aspecto bastante interessante analisado foi o de que as festividades existentes do bairro são marcadamente religiosas (cristã católica), mas nas falas dos entrevistados mais velhos essas festas tinham objetivos para além da fé. O espaço religioso era também o espaço de se encontrar, de conversar e de namorar. Falar que as novenas, as procissões e as missas eram cheias de forma alguma significa dizer que aquelas pessoas eram extremamente religiosas. Dona Ema Martins deixa bem evidente quando diz: “A novena a gente gostava tanto porque a gente saía pra namorar com os rapazes, senão a gente não namorava”. (Ema Martins, 2015, p.03). Da mesma forma o senhor Elmir Elpidio Correa (2014, p. 03):

Eu participava do terno de reis pra namorar. Era a única chance que a gente tinha de namorar, era não só no terno de reis, mas na saída do Espírito Santo nas casas, a gente já saía pra namorar. Então são essas festas que criavam o namoro das pessoas daqui do Pântano do Sul. [...] aquela festa também que dava boa, era festa de... coroação de Nossa Senhora, que sempre era mais a noite, então essas festas

sempre se namoravam bastante. Aproveitava namorar, mas mesmo assim os pais e as mães estavam de olho, principalmente na minha época. Sempre estavam de olho. Mas as coisas eram tranquilas.

Com essas falas podem-se compreender os interesses que estavam embutidos ao participarem dos eventos religiosos. E novamente, é possível dizer que a fé não necessariamente estava em primeiro plano. Eram esses momentos que as pessoas buscavam para o lazer, eram, na verdade os únicos momentos. Se hoje os jovens saem para ir a festas, *shoppings* é porque se tornou uma possibilidade. Dona Ema ao comentar sobre ir à missa relembra que o padre rezava em latim e de costas aos fiéis e sobre as orações serem em outra língua faz o seguinte comentário: “nós não respondíamos nada, nós ríamos porque não entendíamos”, entre a teoria e o que se vive há afastamentos, por mais religiosos que dizem ser, há desvios.

Mas o que é possível afirmar é que no interior dessa religiosidade se acha uma ligação intensa de sociabilidades como foi possível notar nas entrevistas.

Breves Considerações

Apesar das ausências de ambientes urbanos no Pântano do Sul é possível compreender que há sim atividades mais urbanas que ecoam na vida dos moradores, e a internet e seus recursos tendem a serem companheiros desses jovens. Os modos rurais e urbanos estão presentes, sejam eles positivos ou negativos e são eles que interferem na vida das pessoas e no jeito de conviver com os outros.

Para os jovens, o bairro é um local que gostam, mas que não apresenta o estilo de vida que eles desejam, um estilo mais próximo dos meios urbanos. Ao mesmo tempo observam um bairro carente de políticas públicas e em especial, de atividades voltadas aos jovens. De forma indireta e até mesmo direta, a falta de investimento nesse público se acha nas entrevistas dos jovens, e estes são os primeiros a ressaltá-los.

Já para os mais velhos, o bairro é bom, tranquilo, mas mudou muito e o perigo das drogas é bem preocupante. Em momento algum esses homens e mulheres reclamaram da distância do bairro em relação ao perímetro urbano, muito menos dos laços solidários presentes no bairro. Se para os mais jovens o bairro é parado no tempo, para os mais velhos é

o oposto, o tempo parece mais acelerado em comparação com o passado que viveram. As percepções são distintas, não se pode ignorar o fato de que são gerações com momentos e experiências diferentes.

As opiniões divergem entre eles, mas é certo de que em ambas as gerações, as entrevistas apontam para a presença de traços de um passado rural em um bairro que convive no presente com os ecos da modernidade, do urbano. Todavia em momento algum é possível afirmar que há uma disputa entre rural e urbano no bairro, o que se pode dizer é que eles estão atuando no mesmo espaço e sendo sentidos por cada pessoa de uma forma, alguns negativamente e outros de forma positiva e assim o bairro se configura entre essa linha tênue entre o rural e urbano.

Ainda é possível perceber que essa proximidade entre os moradores tem relação com passado rural, um passado que associado a distância da parte urbana de Florianópolis, pois viram nas pessoas ao redor uma forma de sobreviver. As formas de camaradagens deram apoio aqueles moradores que nas dificuldades buscavam os seus próximos, mas juntamente com isso está a vigilância social, que ainda se encontra no bairro e que foi citada por um entrevistado como algo negativo e associado a atraso.

Nas memórias dos moradores mais velhos, ainda se observou que os espaços das práticas religiosas eram utilizados para a sociabilidade. Sair do Pântano do Sul era basicamente a pé, o que dificultava muito e mantinha as pessoas no bairro, por consequência, as saídas para diversão, para sociabilidade e namoro eram nos eventos existentes no bairro, neste caso eventos organizados pela igreja. E hoje ainda as práticas religiosas também são acompanhadas de sociabilidades.

Para os mais jovens o bairro estaria mais associado ao rural. Já para os mais velhos, o bairro estaria mais próximo do urbano. Gerações de um mesmo grupo, com percepções distintas e, cada uma a seu modo, correta

Referências

ALVES, Luciano Pereira. **Paisagem e meio ambiente na construção de um projeto urbano para Florianópolis** : um estudo do Pântano do Sul. Florianópolis, 2009. 191p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis, 2009

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CAMPOS, Emerson César de. FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo. Tempos Saturados. IN: CAMPOS, Emerson César; FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo (Organizadores). **Florianópolis no Tempo Presente**. – Florianópolis: Editora da UDESC e DIOESC, 2011, pp. 263-271.

COELHO, Roberta Ferreira. **Ribeirinhos urbanos: modos de vida e representações sociais dos moradores do Puraquequara**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus, 2006.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Rugas e dobras: marcas do passado na cidade contemporânea**. In: Francisco Alcides do Nascimento1. (Org.). Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras. 1ed. Teresina e Imperatriz: EDUFPI e Ética, 2010, v. 1, p. 253-270.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida: [dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis]**.. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011. (coleção História e Historiografia, 4).

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar História e Memória. **Escritos**. Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Ano 1, n.1.2007. p.223-235.

LUCENA, C. R. P. T. . Memórias de famílias migrantes: imagens do lugar de origem. **Projeto História** (PUCSP), v. 17, p. 397-414, 1997..

PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e modernização** (um estudo de modernização em Florianópolis). Florianópolis: Lunardelli, s/d.

RICOEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: ____ A memória, a história, o esquecimento. Campinas/SP: Unicamp, 2007, p.105-142.